

## CONTO DE FADAS TAMBÉM É COISA DE GENTE GRANDE: APLICABILIDADE TERAPÊUTICA DE HISTÓRIAS INFANTIS PARA ADULTOS

Carla Sousa<sup>1</sup>  
Clarice Fortkamp Caldin<sup>2</sup>

**Resumo:** Aborda o conceito de Biblioterapia e a aplicabilidade de histórias infantis com fins terapêuticos para os adultos com base numa pesquisa bibliográfica. Destaca as origens e as características dos contos de fadas. Apresenta o contexto histórico do surgimento da infância. Defende que tais histórias, tidas hoje como infantis, foram feitas inicialmente para um público vasto que incluía crianças, jovens e adultos. Mostra a relação entre mito e conto de fadas. Aponta os aspectos terapêuticos presentes nos contos de fadas, ou seja, a catarse, a identificação e a introspecção. Analisa tais aspectos relacionando-os às possíveis influências que podem ter na vida de um adulto. Conclui que os contos de fadas podem ser utilizados em atividades biblioterapêuticas que tenham como público-alvo os adultos.

**Palavras-chave:** Biblioterapia. Contos de fadas. Catarse. Identificação. Introspecção.

### 1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação, enquanto campo interdisciplinar por natureza, abraça uma vasta área do conhecimento para compreender fenômenos diversos da sociedade. Um destes fenômenos diz respeito à leitura e aos aspectos terapêuticos presentes nas histórias. O estudo que a isso se dedica é chamado de Biblioterapia. Nesta área é dado um destaque especial às histórias ficcionais, pois estas, a partir das metáforas presentes na efabulação, permitem variadas interpretações que vem ao encontro das lembranças ou expectativas do leitor, ouvinte ou espectador.

Sendo assim, o foco deste artigo é apresentar os contos de fadas e o seu potencial terapêutico quando aplicado com adultos, na tentativa de desmistificar a ideia de que esse tipo de literatura é voltado unicamente para as crianças. Nesse sentido, os contos de fadas se revelam como uma ferramenta para um público diverso, que pode ser utilizada pelos profissionais que se interessam pela Biblioterapia, em especial os bibliotecários que buscam se dedicar aos aspectos mais humanos e sociais da profissão.

Vale destacar que a Biblioterapia é uma área ainda pouco explorada pelos bibliotecários no Brasil. Uma das razões possíveis é o simples fato de desconhecerem o potencial terapêutico das histórias e dos livros, nos seus mais variados gêneros. Neste artigo, que resultou de uma pesquisa bibliográfica, os contos de fadas são apresentados como um instrumento que esses profissionais poderão utilizar ao pensarem em executar atividades de caráter biblioterapêutico voltadas para o público adulto.

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC).

<sup>2</sup> Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC).



Inicialmente o artigo apresenta uma revisão de literatura que aborda aspectos históricos e algumas características dos contos de fadas na tentativa de resgatar o rastro deixado por eles e de compreender a força inerente dessas histórias. Em seguida, faz um retrospecto sobre o surgimento da infância para mostrar que os contos de fadas nasceram para falar tanto para crianças quanto para adultos, num contexto histórico em que não havia distinção entre eles. Posteriormente, são apresentados alguns aspectos terapêuticos presentes nos contos infantis e que podem ser significativos na vida dos adultos. Para finalizar, seguem algumas reflexões sobre a potencialidade dos contos de fadas no fazer do bibliotecário.

## 2 OS CONTOS DE FADAS: BREVE HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS

Quem disse que conto de fada é história para fazer criança dormir? De fato, ao longo do tempo se transformaram em entretenimento para os pequenos, mas os contos de fadas, também chamados de clássicos infantis ou contos populares, surgiram para falar aos seres humanos, independente da idade, sejam eles crianças, jovens ou adultos. Sobre os clássicos, infantis ou não, vale citar Calvino (2007, p.10-11) para quem são chamados de clássicos: “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”. Dessa feita, mesmo tendo se passado séculos e a sociedade tenha mudado significativamente, os clássicos, entre eles os contos de fadas, ainda persistem “como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2007, p. 15).

Em determinado período da história, mais especificamente antes do século XVII, as pessoas viviam num contexto completamente diferente do atual. As crianças e os adultos daquela época conviviam nos mesmos ambientes e na hora em que as tias e avós sentavam para contar histórias, a idade do público ao redor da contadora podia variar. Todos compartilhavam das mesmas vivências. Esse é um fato histórico que não pode passar despercebido.

Segundo Updike (*apud* TATAR, 2004, p. 9) os contos de fadas lidos para as crianças de hoje nasceram numa cultura em que as histórias eram contadas entre adultos: “Elas eram a televisão e a pornografia de seu tempo; a sublitteratura que iluminava a vida de povos pré-literários”. E a leitura desses clássicos perdura até hoje. Os adultos, em especial pais, professores e bibliotecários escolares ainda cultivam o exercício da leitura destas histórias para os pequenos. Ao mesmo tempo em que leem eles também ouvem e, caso se permitam, também serão tocados e modificados por aquilo que leram.

Lembra Tatar (2004, p.347) que ao escrever *Contos, contados para crianças*, em 1835, Andersen explica que sua intenção era atingir tanto o público infantil quanto o adulto: “Pego uma ideia para os

adultos e depois conto a história para os pequenos, sempre me lembrando que pai e mãe muitas vezes ouvem, e é preciso dar-lhes alguma coisa para as suas mentes”. Tatar (2004, p.345) registra ainda o testemunho de Máximo Gorbi, dramaturgo, a respeito da coletânea de Aleksander Afanasev dos contos de fadas russos: “[...] os contos abriram para mim um mundo novo em que um poder livre reinava, e infundiram em mim um sonho de uma vida melhor”.

Perseguindo os passos de sua origem muitos estudiosos concluíram que essas histórias de fundo mágico nasceram séculos antes de Cristo e trazem heranças de diversos lugares e dos seus povos. Índia, Egito, Palestina, Grécia clássica, Império Romano, Arábia, Grã-Bretanha, são alguns dos lugares que deixaram marcas nas histórias que ficaram conhecidas como grandes clássicos infantis.

Essas joias multifacetadas têm realmente a dureza de um diamante, e talvez nisso resida o seu maior mistério e milagre: os sentimentos grandes e profundos gravados nos contos são como rizoma de uma planta, cuja fonte de alimento permanece viva sob a superfície do solo mesmo durante o inverno, quando a planta não parece ter vida discernível à superfície. A essência perene resiste, não importa qual seja a estação: tal é o poder do conto (ESTÉS, 2005, p. 12).

Da mesma forma, Von Franz (1981, p.36) compara o conto de fadas aos ossos ou ao esqueleto: “a parte que não é destruída, pois ele é o núcleo básico e eterno de tudo”. Mas, em que consiste essa essência? Qual a mágica da imortalidade dos contos? Essas são algumas perguntas que surgem ao tentar compreender a origem dos contos de fadas, que parece acompanhar a própria história da humanidade. Certamente o maravilhoso, a fantasia, todo tipo de forças que possibilitam a transformação dos seres e dos fatos, constituem os ingredientes mais atrativos dos contos de fadas. O ser humano desde os primórdios se alimentava de tudo isso e interagiu com o mundo de uma forma muito mais abstrata em um ambiente e culturas que permitiam a existência de deuses e fadas, assim como de monstros e bruxas.

Segundo Coelho (1987), esse fascínio se deve ao fato de que desde a origem dos tempos o homem deve ter sentido a presença de forças que de alguma forma conduziam sua própria vida, mas que ultrapassassem a sua compreensão. A literatura, por meio de narrativas que falavam de poderes ocultos do próprio ser humano e da natureza, foi uma das formas encontradas para dar vazão a essa ânsia de saber e de domínio sobre a vida. Por mais que a sociedade tenha evoluído pela ciência e tecnologia, ainda há muita coisa que não é possível apreender com o pensamento racional. Como afirma Caldin (2010, p. 164), “a ficção complementa o mundo. Sendo transcendental, permite determinar o indeterminado, ou seja, tudo aquilo que na vida cotidiana é impossível de entender ou realizar, a literatura, com seus vazios no texto, incita o leitor a ir além do escrito”.

Os contos de fadas permitem a participação do leitor ou ouvinte, possibilitam a interação. Mas, na maioria dos casos, essa interação ocorre em nível inconsciente. Preenchendo os vazios dos textos aqui e acolá com aquilo que faz sentido para ele no momento, o indivíduo vai encontrando algumas pistas para explicar o inexplicável e para sentir algum tipo de alívio ao se deixar tocar por tais histórias. E como afirma Pennac (2011, p.74): “uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos”. Isso porque, segundo teóricos como Bettelheim (2007) e Estés (2014), no enredo dos contos estão contidos atalhos no caminho do desenvolvimento tanto das crianças quanto dos adultos.

Bettelheim (2007, p. 52) pontua que a imortalidade e a universalidade dos contos de fadas residem exatamente neste aspecto. Segundo ele, o conto de fadas é o “[...] resultado de o conteúdo comum consciente e inconsciente ter sido moldado pela mente consciente, não de uma pessoa em particular, mas pelo consenso de várias”. O autor acrescenta que os contos sobreviveram no tempo e são recontados por apresentarem dois elementos fundamentais: problemas humanos universais e soluções desejáveis para tais problemas, aceitas por aqueles que mantiveram vivas as histórias.

Estés (2014, p.29) afirma que: “nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida”. A autora trabalha com os contos de fadas voltados para adultos, em especial para as mulheres, por acreditar no valor simbólico que possuem e porque, segundo ela tais histórias são como “vitaminas para a alma”, que: “[...] lubrificam as engrenagens, fazem correr a adrenalina, mostram-nos a saída e, apesar das dificuldades, abrem para nós portas amplas em paredes anteriormente fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos” (ESTÉS, 2014, p.34).

Os contos de fadas, segundo Coelho (1987), falam da busca do verdadeiro eu por meio das personagens características e cheias de poderes e encantos. Alguns exemplos de títulos desse tipo de literatura são: *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, *A Bela e a Fera* e *Rapunzel*. Coelho (1987) os distingue dos chamados contos maravilhosos, onde a problemática central é a socioeconômica e a busca passa a ser por riquezas e bens materiais. Na categoria de contos maravilhosos estão: *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa* e *As Mil e Uma Noites*.

Para alguns estudiosos, a herança histórica dos contos de fadas está muito associada aos mitos. Segundo Bettelheim (2007, p.36) não existe uma linha que separa o mito do conto de fadas ou conto popular – como o autor prefere chamá-los, já que segundo ele: “na maioria deles não aparecem nenhuma fada”.

No entanto, apesar de possivelmente terem surgido a partir dos mitos, os contos de fadas apresentam características distintas. Diferente dos mitos, em que os heróis têm nomes próprios, assim como seus pais e irmãos, nos contos de fadas as personagens quase sempre não são identificadas por

nomes, mas por suas profissões, aparência física e laços de parentesco. Como exemplo é possível citar: *Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, o Moleiro, A pequena vendedora de fósforos, A Bela e a Fera, O Patinho Feio*, dentre tantos outros (VON FRANZ, 1981).

Com isso, “os contos de fadas tornam claro que falam de qualquer um, de pessoas muito parecidas conosco” e ainda “se aparecem nomes fica bem claro que não são nomes próprios, mas nomes genéricos ou descritivos” (BETTELHEIM, 2007, p.57). Para Bettelheim (2007) essa particularidade dos contos facilita o processo de identificação.

Segundo Von Franz (1981, p.37), os mitos “expressam em muito o caráter nacional da civilização onde se originaram e onde permanecem vivos”. Daí também o fato de serem mais específicos do que os contos.

Ainda de acordo com Von Franz (1981), por ser uma produção cultural: “expressa-se mais especificamente os problemas daquela nação naquele determinado período cultural, mas *perde-se* muito do seu caráter humano”; sendo assim, “o estudo dos contos de fadas é essencial, para nós, pois eles delineiam a *base humana universal*” (VON FRANZ, 1981, p.38, grifos da autora). A fim de ilustrar seu ponto de vista, Von Franz (1981) apresenta o seguinte relato:

Eu ouvi, certa vez, um missionário das Ilhas dos Mares do Sul dizer que a maneira mais simples de entrar em contato com os habitantes de lá era contando-lhes contos de fadas. É uma linguagem que todos entendem. Se ele houvesse contado a história de algum grande mito, não teria tido tão bons resultados. Ele tinha que usar o material básico na sua forma mais simples, porque essa é a expressão da estrutura mais geral, e ao mesmo tempo, mais básica do ser humano. Isto também se deve ao fato de o conto de fadas estar além das diferenças culturais e raciais, podendo assim migrar facilmente de um país para outro. A linguagem dos contos de fadas parece ser a linguagem internacional de toda a espécie humana – de idades, raças e culturas (VON FRANZ, 1981, p. 38).

Outra característica que diferencia os contos de fadas, ou contos populares, dos mitos é a forma. Segundo Von Franz (1981, p. 37), os mitos têm uma forma mais bonita e impressionante do que os contos populares, porque “geralmente padres ou poetas (ou padres-poetas, pois em algumas civilizações são a mesma coisa), deram a essas histórias uma forma solene, litúrgica ou poética”. Ainda em relação à forma, Bettelheim (2007, p. 54) afirma que as histórias relatadas nos mitos são descritas como acontecimentos miraculosos: “Um mero mortal é muito frágil para enfrentar os desafios dos deuses”. Sendo assim, os mitos e suas personagens recebem admiração do público leitor ou ouvinte, no entanto, fica claro que não dizem respeito aos meros mortais. Já os contos de fadas apesar de “inusitados e bastante improváveis, são

sempre apresentados como comuns, algo que poderia acontecer a você, a mim ou à pessoa ao lado” (BETTELHEIM, 2007, p. 53).

Nesse sentido, Tatar (2004, p. 9) afirma que os contos dão um caráter terreno aos mitos: “[...] pensando-os em termos humanos em vez de heroicos, os contos de fadas imprimem um efeito familiar às histórias no arquivo de nossa imaginação coletiva”. Ao longo do tempo, esses mitos e contos de fadas foram contados e recontados para crianças e adultos. Primeiro oralmente, depois foram coletados e publicados em que chegaram aos dias atuais. Historicamente, esses registros tiveram início e ficaram famosos a partir da coletânea de Perrault e dos irmãos Grimm em épocas e em países diferentes – os primeiros na França em 1697 e os segundos na Alemanha entre 1812 e 1815 (TATAR, 2004).

Tatar (2004, p. 355) afirma que Perrault tinha uma forma única de narrar as histórias tanto para crianças quanto para os adultos: “Por um lado, as tramas oferecem conflito familiar e um melodrama fantasioso que atrai a imaginação da criança” e “por outro, oferece apartes maliciosos e comentários sofisticados que se destinam a leitores adultos”. A intenção do escritor francês, segundo Tatar (2004, p. 356): “era recontar os contos que ouvira na infância”. Diferentemente do ideal dos irmãos Grimm.

O plano dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm era de compilar contos populares alemães. Como escreve Tatar (2004, p. 350, grifo da autora) eles “queriam capturar a voz ‘pura’ do povo alemão e preservar na página impressa a poesia oracular da gente comum”. Isso resultou num trabalho que teve inicialmente um caráter erudito.

No entanto, a primeira edição de *Contos da infância e do lar* dos Grimm recebeu fortes críticas por diversos fatores, inclusive pelas qualidades rudes da linguagem registrada pelos irmãos. Com isso, para serem melhor aceitos eles modificaram o tom das histórias e também redefiniram o público-alvo dos contos. “O que fora concebido inicialmente como documentos para estudiosos transformou-se gradualmente em leitura para crianças na hora de dormir” (TATAR, 2004, p. 352). Para Estés (2005) esse processo de acrescentar ou excluir detalhes das histórias é muito comum entre contadores, tradutores e escritores. E com os irmãos Grimm não foi diferente:

[...] os contos recolhidos por eles e que sobreviveram até os nossos dias devem estar no mínimo em sua terceira tradução, a primeira sendo a do *antes*, a mais antiga que cedeu a história ao contador; a segunda, a versão do contador; a terceira, a que foi registrada em papel. A quarta seria, então, a de quem traduz do original alemão para qualquer outra língua (ESTÉS, 2005, p. 20).

Apesar de tudo isso, Von Fraz (1981, p. 19) afirma que foi a partir da publicação dos alemães que surgiu um “interesse emocional e inconsciente” em torno desse tipo de história que fizeram com que

surgissem outras edições semelhantes em países distintos: “Em todos os países, pessoas começaram a colecionar histórias e contos de fadas nacionais. De repente todo mundo estava perplexo com o número enorme de temas que se repetiam”. São temas que perpassam o cotidiano, o sobrenatural, as metamorfoses e o destino do ser humano. Por vezes carregam elementos de leveza e alegria ou terror e tristeza. De caráter universal, eles dialogam muito bem com a linguagem que encanta as crianças e que sempre encantou os adultos fazendo sentido para qualquer faixa etária.

Hoje adultos e crianças leem os Contos da infância e do lar dos Grimm sob praticamente todas as aparências e formas: ilustrados ou anotados, expurgados ou embelezados, fieis ao original alemão ou adulterados, parodiados ou tratados com reverência (TATAR, 2004, p. 353).

O conto *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, é lido e interpretado para públicos diversos de diferentes faixas etárias e segundo Estés (2005) não deixa de apresentar significados valiosos. Pois pode ser compreendido de alguma forma por uma criança de oito anos, ou ainda: “pode significar algo mais para uma de 15; uma de vinte pode achá-lo ainda mais complexo; e muito mais é visto, compreendido e descoberto por alguém de cinquenta, de oitenta anos” (ESTÉS, 2005, p. 17). É exatamente aí que reside o valor terapêutico dos contos. Para Bettelheim, (2007, p. 36, grifo do autor) “o conto de fadas é terapêutico porque o paciente encontra suas *próprias* soluções por meio da contemplação daquilo que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida”. Por isso, levando-se em conta o seu caráter terapêutico, os contos não possuem uma indicação de faixa etária precisa, servem para todos em diferentes circunstâncias.

Preocupações que envolvem a vida adulta estão a todo tempo retratadas nos contos. “Considerando as histórias em suas primeiras formas escritas, descobrimos preocupações e ambições que se amoldam às angustias e desejos adultos” (TATAR, 2004, p. 9). Dentre os exemplos citados pela autora está o de Barba-Azul que “com sua alcova proibida cheia de cadáveres de ex-esposas” apresenta “questões de confiança conjugal, fidelidade e traição, mostrando como o casamento é assombrado pela ameaça do assassinato” (TATAR, 2004, p. 9).

Cabe lembrar que até os séculos XVII e XVIII adultos e crianças viviam num mesmo ambiente e compartilhavam das mesmas experiências de vida, morte, abandono, miséria, fome, alegrias e tristezas. E, portanto, também compartilhavam dos momentos dedicados às histórias como reforça Von Franz (1982, p. 18):

Até os séculos 17 e 18, os contos de fadas eram – e ainda são nos centros de civilização primitivos e remotos – contados tanto para adultos quanto para crianças. Na Europa, eles costumavam ser a forma principal de entretenimento para as populações agrícolas na época do inverno. Contar contos de fadas tornou-se uma espécie de ocupação espiritual essencial.

A forma como se vestiam, o trabalho, as brincadeiras e tudo mais era vivenciado sem distinção de idade. Lembra-se também que o espaço de dormir era compartilhado – normalmente um único cômodo acomodava a família inteira – e as crianças presenciavam as relações íntimas dos pais. Por esse motivo, não se fazia melindres na contação de histórias e detalhes picantes eram apresentados de maneira natural, quase sempre para fomentar o riso. Pelo fato das vivências serem muito semelhantes, os contadores não faziam distinção de idade na hora de transmitir os ensinamentos por meio dos contos. Tal distinção foi sendo construída aos poucos.

### **3 O CONTOS DE FADAS NO CONTEXTO DO SURGIMENTO DA INFÂNCIA**

Para entender que histórias tidas hoje como infantis surgiram para falar aos adultos, é preciso compreender o que se entendia por infância e vida adulta no contexto do surgimento e principalmente na disseminação dos contos. Para tanto, é preciso remeter até meados da Idade Média, uma época na qual “a criança é, numa palavra, invisível” (POSTMAN, 1999, p. 33). De acordo com Ariés (1981, p. 50), historiador que se debruçou sobre a iconografia para desvendar a história da infância e da família, não existe representação de infância na arte medieval: “É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”.

Ariés (1981, p. 156) afirma que o sentimento da infância não existia na sociedade medieval, e explica: “o sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças”, mas “corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem”. Ainda de acordo com o autor:

A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava dos seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena logo se transformava em um homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude (ARIÉS, 1981, p. 10).

Vale ressaltar que as interações sociais se davam oralmente naquele período. E segundo Postman (1999, p. 28, grifo do autor): “num mundo oral não há um conceito muito preciso de adulto e, portanto,

menos ainda de criança”; acrescenta que esta é a razão pela qual na Idade Média a criança ingressava no universo público e social aos sete anos: “*Porque é nesta idade que as crianças dominam a palavra. Elas podem dizer e compreender o que os adultos dizem e compreendem*”.

Ainda sobre esse limite de idade, Postman (1999, p. 30) ressalta que: “vivendo na mesma esfera social dos adultos, desembaraçadas de instituições segregadoras, a criança da Idade Média tinha acesso a quase todas as formas de comportamento comuns à cultura”, e assim, completa o autor: “o menino de sete anos era um homem em todos os aspectos, exceto na capacidade de fazer amor e guerra”.

Gélis (2009, p. 308) acrescenta que enquanto os meninos iam com o pai aos campos, “as meninas em geral ficavam com a mãe, com a qual aprendiam seu futuro papel de mulher”. Sendo assim, se esperava do indivíduo desde pequeno que ele desempenhasse o papel para o qual foi concebido a partir do gênero e das necessidades da comunidade à qual pertencia. Desde o fim do século XVII, segundo Ariés (1981, p. 11), a escola passou a substituir esse tipo de aprendizagem livre entre os demais: “Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles”.

Nesse mesmo período começa a se definir a ideia de infância, que segundo Postman (1999, p. 12) é uma das grandes invenções da Renascença: “Talvez a mais humanitária” e, acrescenta: “Ao lado da ciência, do estado-nação e da liberdade de religião, a infância, como estrutura social e como condição psicológica, surgiu por volta do século dezesseis e chegou refinada e fortalecida aos nossos dias”. E isso ocorre, de acordo com o autor, a partir de um novo ambiente comunicacional que resultou do surgimento da imprensa.

*A imprensa criou uma nova definição de idade adulta baseada na competência de leitura, e, conseqüentemente, uma nova concepção de infância baseada na incompetência de leitura. Antes do aparecimento desse novo ambiente, a infância terminava aos sete anos e a idade adulta começava imediatamente. Não havia um estágio intermediário porque nenhum era necessário (POSTMAN, 1999, p. 32, grifos do autor).*

É nesse momento de cisão, afirma Postman (1999, p. 34), que surge o embrião do conceito de infância, pois: “como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância”. Mas Postman (1999, p. 42) ressalta que isso não ocorreu da noite para o dia: “precisou de quase duzentos anos para se transformar num aspecto aparentemente irreversível da civilização ocidental”. Foi aí que surgiu a necessidade de separar o mundo da criança do mundo do adulto, e portanto: “[...] a sociedade começou a colecionar um rico acervo de segredos a serem ocultados dos jovens [...]” (POSTMAN, 1999, p. 63), dentre os quais estavam assuntos relacionados à sexualidade, ao dinheiro, à violência, às doenças e à

morte. Postman (1999, p. 63) é enfático ao afirmar que “[...] a tipografia fechou o mundo dos assuntos cotidianos com os quais os jovens estiveram tão familiarizados na Idade Média”.

É exatamente nesse contexto que os contos de fadas começam a ser coletados e divulgados até chegarem aos dias atuais. A partir do momento em que as histórias foram registradas no papel, elas começaram a ser adulteradas de acordo com as intenções dos escritores e as exigências culturais de determinado período histórico. E assim, tais histórias foram se cristalizando. Desta forma, a criança separada do mundo do adulto a partir do advento da leitura começa a entrar em contato com contos selecionados, manipulados e traduzidos pelos escritores, o que vêm ocorrendo ao longo dos séculos. Nesse processo, “os monstros vorazes da floresta com suas insígnias medonhas, olhos arregalados, focinhos deformados, foram transformados em bichinhos descaracterizados” (ESTÉS, 2005, p. 21).

Além disso, muitas questões culturais e religiosas presentes nos contos foram sendo apagadas ou transformadas ao longo do tempo. Estés (2014, p. 29, grifo da autora) afirma que no caso do Grimm, por exemplo, “existe forte suspeita de que os informantes (os contadores de histórias) daquela época às vezes *purificavam* as histórias em consideração aos irmãos religiosos”; e ainda, “suspeitamos de que os famosos irmãos tenham continuado a tradição de cobrir antigos símbolos pagãos com outros cristãos, de tal modo que uma velha curandeira num conto passava a ser uma bruxa perversa; um espírito transformava-se num anjo [...]”. Sem falar na supressão de elementos “[...] escatológico, sexual, perverso, pré-cristão, feminino, iniciático [...]”, acrescenta Estés (2014, p. 30).

Mas, em detrimento dessa higienização das histórias, a essência dos contos de fadas ainda resiste, acredita Estés (2014). Presentes no espírito eterno que permanece vivo nas histórias estão alguns aspectos que fazem delas verdadeiros “bálsamos medicinais”:

Elas (as histórias) têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo – basta que prestemos atenção. A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias. Elas suscitam interesse, tristeza, perguntas, anseios e compreensões (ESTÉS, 2014, p. 29).

#### **4 APLICABILIDADE TERAPÊUTICA DOS CONTOS DE FADAS PARA ADULTOS**

Por mais que as histórias tenham sido transformadas ao longo do tempo, elas ainda carregam uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a vida (COELHO, 1987). E esses sentidos ainda permanecem vivos em algumas versões dos clássicos, aqueles menos lapidados e pasteurizados para o consumo das crianças modernas separadas do universo dos adultos. Tais sentidos podem ser percebidos de diferentes formas. A magia que envolve as histórias e as personagens dos contos de fadas é um fato

inegável. Mas as reações dos indivíduos diante dessas narrativas clássicas não são provocadas a partir de um poder oculto e inexplicável.

Ao ler ou ouvir histórias o ser humano responde a estímulos provocados no seu consciente e no seu inconsciente que podem gerar reflexões ou mesmo mudanças significativas. Isso ocorre devido aos elementos contidos nos textos de ficção, a exemplo dos contos de fadas, que provocam reações como a catarse, a identificação e a introspecção. Tais elementos vão caracterizar o potencial terapêutico da história.

Se o envolvimento com a história produzir a catarse, a identificação ou a introspecção (não necessariamente concomitante ou sucedâneas), tal história cumpriu o propósito terapêutico, mesmo que isso não fique visível ou não seja facilmente detectado. De fato, no mais das vezes, apenas o atingido sabe em que medida o texto permitiu-lhe trabalhar as emoções, ativar a imaginação ou fazer uma reflexão (CALDIN, 2010, p. 121).

Sendo assim, é possível considerar que os contos de fadas carregam na sua essência aspectos terapêuticos, como os que foram descritos, e proporcionam um encontro saudável entre o livro e o leitor, ou a narrativa e o ouvinte. Nisso é que se fundamenta a Biblioterapia, ou seja, o cuidado com o ser por meio das histórias (CALDIN, 2010), que opera a partir dos elementos citados.

A Biblioterapia abordada dentro do campo da Ciência da Informação e praticada por bibliotecários é aquela denominada de Biblioterapia de Desenvolvimento, ou seja, aquela que favorece aspectos variados dos seres humanos “que vão do conhecimento de si mesmo ao desenvolvimento de competências e habilidades específicas tais como a cidadania, cognição, memória, afetividade, etc” (WITTER, 2004, p. 181). É necessário esclarecer o tipo de Biblioterapia a que se dedicam os bibliotecários, pois existe outro tipo de prática denominada Biblioterapia Clínica, para a qual estão aptos apenas profissionais com uma formação específica, como os psicólogos e psicoterapeutas, e que segundo Witter (2004) é aplicada em consultórios com a finalidade de resolver problemas biopsicossociais.

No entanto, considerando o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação e, conseqüentemente, da Biblioterapia, o aporte teórico utilizado é fruto de contribuições de pesquisas de diferentes áreas, em especial da Psicologia, Filosofia e a Literatura. Logo, para que o bibliotecário se sinta apto para trabalhar com as histórias de forma terapêutica ele deve compreendê-las sob diferentes ângulos, para tanto, é indispensável que estejam abertos para adentrar diferentes áreas do conhecimento. É desse emaranhado que surge a base para a compreensão dos elementos biblioterapêuticos presentes nas histórias, são eles: a catarse, a identificação e a introspecção.

A catarse é uma reação inconsciente do indivíduo e é considerada uma espécie de purgação, purificação, limpeza profunda seguida de um estado de leveza que gera o sentimento de alívio. O mais importante nesse processo é que o indivíduo chegue ao equilíbrio, à harmonia, destaca Caldin (2010). Originalmente, o termo catarse surge com base na *Poética* de Aristóteles. Segundo o filósofo, a catarse era provocada pela tragédia que “nos deixa em suspense por causa do temor e da piedade” (OUAKNIN, 1996, p. 17) e depois apazígia as tensões conduzindo a um estado de relaxamento, de moderação das emoções. Tais sentimentos também podem ser provocados a partir dos contos de fadas. Segundo Caldin (2010, p. 124): “[...] ao tirar de nós um peso insuportável de ser carregado, a catarse alivia o mal que interrompe o fluxo da saúde e abre caminho para a plenitude do ser [...]”, pois “o ser sadio é o ser total, completo”. Para a autora, as realidades pesadas podem ser moderadas pela leitura.

Nesse sentido, Estés (2005, p. 25) afirma que tanto as crianças como os adultos gostam de “[...] sentir a tensão das histórias em segurança e adoram levar sustos se sabem que tudo vai acabar bem”. Assim, o indivíduo tem um impacto seguido de um estado de leveza que vai contribuir para harmonizar uma emoção ou sentimento inconscientemente mal resolvido. Uma função primordial das cenas impactantes e da catarse nos contos é fazer com que o sujeito preste atenção aos pormenores da efabulação. Segundo Estés (2005), a brutalidade, por exemplo, comunica uma mensagem tão urgente que se fosse dita de forma mais leve, provavelmente, não seria levada a sério. Além disso, não provocaria uma purgação e, conseqüentemente, não teria função terapêutica.

Além da brutalidade e do drama, a comédia também produz material catártico, ou seja, o riso é um elemento altamente terapêutico e que também está presente nos contos de fadas. A fala também possui potencial para provocar a catarse. E na leitura terapêutica, principalmente com grupos de adultos, a fala se faz presente em forma de diálogo e compartilhamento das emoções.

Segundo Caldin (2010), em psicanálise, a catarse está muito associada à fala, ao alívio de traumas através da verbalização dos sentimentos. Em relação à Biblioterapia, a autora afirma que: “muito embora esta última não tenha a pretensão de arvorar-se em ciência (posto que é arte), muito menos fazer frente aos procedimentos psicanalíticos, utiliza a fala como coadjuvante terapêutico na forma do diálogo”, suscitado a partir do texto e que possibilita, dentre outras coisas: “apaziguar as emoções, causar um alívio prazeroso” (CALDIN, 2010, p. 126). Desta forma, a partir do enredo dos contos de fadas é possível trazer à tona muitos temas que permeiam a vida do adulto e as realidades mais íntimas de homens e mulheres. Dentre os inúmeros exemplos, Estés (2014, p. 34) cita: “Histórias como Barba-Azul nos dão a ideia exata do que fazer a respeito do ferimento que não para de sangrar”.

Outro aspecto terapêutico que também pode ser vivenciado por meio dos contos de fadas é a identificação, que vem a ser um processo inconsciente de apropriação do outro, ou seja, dos atributos das personagens ficcionais. Segundo Caldin (2010, p. 148): “na apropriação da identidade e da personagem ficcional tira-se força para o enfrentamento de problemas e busca de soluções – o que é terapêutico”. Mas é interessante observar que a identificação não se dá somente em relação às qualidades e aos feitos heroicos das personagens. Na verdade, tanto as qualidades boas quanto aquelas mais repulsivas, e mesmo as fraquezas das personagens, podem ser objetos de identificação (CALDIN, 2010). Afinal, esse processo ocorre de forma inconsciente. Logo, não é possível escolher com quem se identificar ou quais características tomar emprestadas para vivenciar a história.

Vale ressaltar que o processo de identificação ocorre em todas as idades e permite que o leitor vivencie a narrativa de forma segura e, ainda: “auxilia na construção da identidade do eu, incessante e ininterrupta no desenvolvimento do sujeito” (CALDIN, 2010, p. 166). Sobre esse aspecto, Estés (2014, p. 434) afirma: “O ato de ouvir uma história nos permite vivenciá-la como se nós mesmas fôssemos a heroína que cede diante das dificuldades ou que as supera no final”. E a autora reforça exemplificando o processo de identificação da seguinte forma:

Se ouvimos uma história de um lobo, depois disso saímos a perambular e a ter o conhecimento de um lobo por algum tempo. Se ouvimos uma história de uma pomba que afinal encontra seus filhotes, então, por algum tempo depois, algo fica se movendo por baixo do nosso próprio peito emplumado (ESTÉS, 2014, p. 434).

Um terceiro aspecto terapêutico identificado nos contos de fadas é a possibilidade de introspecção. Diferente da catarse e da identificação, a introspecção se caracteriza como um processo consciente em que o indivíduo examina seus pensamentos e atitudes com o intuito de mudança de comportamento, ou então de uma aceitação de si e do outro (CALDIN, 2010). A partir dessa análise consciente o sujeito atribui significados para a história e consegue fazer uma ponte entre o que foi lido ou ouvido com a sua própria história de vida. No entanto, os significados são múltiplos e variam principalmente de acordo com a idade e com o momento que a pessoa está vivendo.

Estés (2005, p. 17) explica que os contos podem contribuir para o aprendizado e para o desenvolvimento da percepção em assuntos de grande ou pequena importância; para ela, esse aprendizado e essa percepção são responsáveis pela aquisição de um significado para a história e para a vida do indivíduo: “Que as histórias possam evocar tudo isso na mente dos ouvintes já é razão bastante para compreendê-las como renovadoras”. Para chegar ao ponto de evocar tudo isso, o conto precisa trazer à tona conteúdos ou situações que façam sentido e possam provocar a introspecção no sujeito. Estés (2005)

advoga que os contos de fadas provocam uma reação inconsciente no indivíduo que se assemelha ao efeito de se ligar uma tomada interna. Desse modo, o entendimento não ocorre em um nível racional. Para a autora: “a compreensão profunda da essência dos contos é claramente sentida pelo coração, pela mente e pela alma” (ESTÉS, 2005, p. 12).

Para alguns, um conto de fadas pode significar simplesmente mais uma historinha para distrair as crianças ou ler ao pé da cama até que o sono chegue para os pequenos. No entanto, como afirmam Brasey e Debailleul (1999, p. 15), os contos não foram feitos para fazer dormir as crianças, “mas sim para despertar os homens à consciência de si mesmos”.

Em se tratando dos adultos, Bettelheim (1997, p. 31, grifo do autor) comenta sobre a dificuldade deles em compreender o conteúdo dos contos de fadas: “Muitos adultos hoje em dia tendem a tomar literalmente as coisas ditas nos contos de fadas, quando estas deveriam ser vistas como representações simbólicas de experiências de vida cruciais”; por outro lado, ressalta o autor: “a criança compreende isso intuitivamente, embora não o *saiba*’ explicitamente”.

Para Brasey e Debailleul (1999) a dificuldade dos adultos em compreender um conto reside nas barreiras mentais e no ajuizamento das emoções, que são tão comuns nessa fase da vida. Por isso, os autores recomendam que os adultos desfrutem a magia dos contos com um coração de criança, pois para eles, assim como para Estés (2005), é através do coração que o indivíduo compreenderá o conteúdo dos contos de fadas.

## 5 REFLEXÕES

Ler ou ouvir contos de fadas se mostra benéfico para os adultos, pois além de proporcionar a vivência do outro – a personagem ficcional – possibilita o encontro do indivíduo consigo mesmo. Além disso, vale reforçar que os contos possuem uma mensagem muito forte que sobreviveu ao longo dos séculos e que toca os seres humanos independente da idade. Pois, as histórias dos contos se fundamentam numa busca existencial que acompanha o ser humano desde o início dos tempos.

Sendo assim, não cabe dar ao conto um significado meramente intelectual, objetivo e racional. Tais histórias operam a partir de símbolos universais e a compreensão desses símbolos ultrapassa a interpretação simplista. Tampouco os significados precisam ser esclarecidos para os leitores ou ouvintes. Como visto, para que sejam considerados terapêuticos, os contos devem provocar no ouvinte ou leitor a catarse, identificação e a introspecção.

Desta forma, os contos de fadas se configuram como instrumentos poderosos que podem ser utilizados em atividades de Biblioterapia voltadas para os adultos. Conhecer as histórias e todo o emaranhado histórico, político e social que fizeram com que esse conhecimento chegasse até os dias atuais é tarefa do bibliotecário, especialmente se este possui inclinação para explorar o carácter humano e social da profissão e a sensibilidade para trabalhar as histórias de forma terapêutica.

A Biblioterapia é uma área de atuação do bibliotecário, mas ainda carece de reconhecimento dos próprios profissionais. Para tanto, é fundamental que a Biblioterapia esteja presente nos cursos de Biblioteconomia, seja como uma disciplina ou como cursos de extensão, oficinas, palestras. Além disso, para que o bibliotecário se sinta apto para atuar no campo da Biblioterapia, cabe a ele conhecer os livros e as histórias que possuem carácter terapêutico. E esse arsenal é vasto e rico. Basta que os bibliotecários se interessem mais em disseminar o relevante papel terapêutico das histórias, aqui incluídos, em especial, os contos de fadas.

Se os contos de fadas são bons remédios para entreter, acalmar e fazer dormir as crianças, por que não seriam bons para os adultos? Neste artigo, ficou claro como os contos de fadas têm muito a falar aos adultos. Afinal, foi para eles que tais histórias surgiram num contexto histórico em que o conceito da infância era inexistente. Como visto, temas muito profundos e muito particulares da vida dos adultos são abordados nos contos de fadas.

Por fim, apresentar as histórias, ditas como infantis, para o público adulto é uma tarefa do bibliotecário. No entanto, o entendimento mais profundo da essência dos contos só ocorrerá caso o indivíduo esteja aberto para compreendê-la, sem barreiras rígidas que o separa do seu próprio coração de criança e do sentido das coisas simples.

## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Na terra das fadas: análise das personagens femininas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BRASEY, Edouard; DEBAILLEUL, Jean-Pascal. **Vivir la magia de los cuentos: como lo maravilloso puede transformar nuestras vidas**. Madrid: EDAF, 1999.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.



CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada & ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VON FRANZ, Marie Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Achiame, 1981.

WITTER, Geraldina Porto. Biblioterapia: desenvolvimento e clínica. In: WITTER, Geraldina Porto (Org.). **Leitura e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004. Cap. 9, p. 181-198.

### **CARLA SOUSA**

Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). **E-mail:** carla\_sou@hotmail.com

### **CLARICE FORTKAMP CALDIN**

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (PGCIN/UFSC). Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Organização e Administração de Arquivos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). **E-mail:** clarice.fortkamp.caldin@ufsc.br

**RECEBIDO EM: 30-10-2017**

**ACEITO EM: 27-12-2017**

